

ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA DA UFSC – 1999/2003: PERFIL E ATUAÇÃO DOS EGRESSOS

Evangelia Kotzias Atherino dos Santos*

Marisa Monticelli**

Odaléa Maria Brüggemann***

Maria de Fátima Mota Zampieri****

Vitória Regina Petters Gregório*****

Maria Emilia de Oliveira*****

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva que objetiva identificar as características sociodemográficas dos egressos do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da Universidade Federal de Santa Catarina, as razões para cursarem a especialização, o local de atuação e as atividades desenvolvidas na obstetrícia. Os dados foram coletados em 2006, utilizando-se um questionário auto-respondido. Efetuou-se uma análise descritiva e calculou-se a diferença quanto à atuação na área obstétrica através do teste qui-quadrado ou teste exato de Fisher. Dos 54 egressos, 40,7% atuavam na obstetrícia antes da especialização e 94,4% referiram o aprimoramento profissional como principal motivo para se especializarem. Ao comparar a atuação no ano de conclusão do curso, com 2006, verificou-se aumento estatisticamente significativo dos egressos que não atuam na obstetrícia (11,1% *versus* 25,9%; $p=0.047$), mas não houve diferença em relação ao centro obstétrico (46,3% *versus* 38,9%; $p=0.436$). A especialização não assegura a permanência das egressas na obstetrícia; faz-se necessário aprofundar esse aspecto para sua melhor compreensão.

Palavras-chave: Enfermagem obstétrica. Especialidade. Prática profissional. Política de saúde.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o papel do enfermeiro obstetra tem sido colocado em pauta em inúmeras discussões de caráter prático e teórico, no Brasil e no Exterior. A valorização desse profissional tem sido destacada e enfatizada não apenas nos fóruns acadêmicos relacionados à construção de conhecimentos na área, mas, igualmente, na formulação de políticas públicas de reconhecida relevância nos cenários hospitalares e no âmbito da atenção básica em saúde.

Neste contexto mais amplo insere-se a política de formação de recursos humanos, que implica em sustentar e dar conta dessa

necessidade e desse ofício. Nesse sentido, a realização dos cursos de especialização em enfermagem obstétrica surge como uma proposta do Ministério da Saúde para capacitar enfermeiras para a rede do Sistema Único de Saúde (SUS)⁽¹⁾.

Consideramos que a formação de profissionais com este tipo de capacitação engloba o atendimento de demandas específicas do mercado de trabalho brasileiro, visando ao aprofundamento de conhecimentos e ao desenvolvimento das competências, habilidades e atitudes necessárias ao desempenho da enfermeira especialista para atender ao compromisso com o desenvolvimento e aprimoramento de perfil profissional compatível com o ofício técnico, político, científico, ético e

*Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Líder do Grupo de Pesquisa em Enfermagem na Saúde da Mulher e do Recém-nascido (GRUPESMUR). Consultora em Lactação pelo *International Board of Lactation Consultant Examiners* (IBLCE).

**Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem e do PEN/UFSC. Vice-líder do GRUPESMUR e Membro do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação Popular e Saúde (NEPEPS) da UFSC.

***Enfermeira Obstétrica. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem e do PEN/UFSC. Membro do GRUPESMUR.

****Enfermeira Obstétrica. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem da UFSC. Membro pesquisador do GRUPESMUR.

*****Enfermeira Obstétrica. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC. Professora do Departamento de Enfermagem da UFSC. Integrante do GRUPESMUR.

*****Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem da UFSC. Membro pesquisador do GRUPESMUR.

humanístico a ser operacionalizado pelo enfermeiro obstetra.

Com o aval da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), cursos de formação desta natureza têm sido incentivados e subsidiados financeira e tecnicamente pela Área Técnica de Saúde da Mulher do Ministério da Saúde desde 1999, com base na Resolução n.º 03 do Comitê de Ensino Superior – CES/99. Este incentivo possui abrangência nacional, contemplando as cinco macrorregiões e todas as Unidades da Federação, em parceria com Instituições de Ensino Superior e secretarias estaduais e municipais de Saúde de todo o país⁽²⁻³⁾.

A política adotada pelo Ministério da Saúde prioriza a atenção básica e a mudança do modelo assistencial, visando à humanização do atendimento às puérperas oferecido pelo SUS e caracteriza-se como um marco nacional que tem como meta a capacitação dos profissionais enfermeiros para prestar assistência obstétrica menos intervencionista e iatrogênica, contribuindo para a prática do parto normal e a diminuição das cesáreas desnecessárias, com vista à redução da morbimortalidade materna e perinatal^(2,4-5).

Acompanhando este movimento, o Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem mantido o compromisso de colaborar no processo de formação dos enfermeiros obstetras, mantendo alguma regularidade no oferecimento de cursos de especialização, principalmente diante da numerosa demanda de enfermeiros por parte das instituições de saúde de âmbito terciário, secundário e primário e ainda das secretarias de saúde catarinenses, que têm solicitado, de modo reiterado, a abertura de cursos desta natureza. Desta forma, de 1999 a 2003 foram realizados três cursos, que formaram 70 especialistas em enfermagem obstétrica.

Alguns dos egressos do primeiro curso (1999-2000) foram sendo incorporadas no processo de formação dos cursos subsequentes, exercendo o papel de facilitadores, ou seja, auxiliando nas atividades práticas em maternidades, ambulatórios e Unidades Locais de Saúde (ULS). Apesar deste vínculo, os contatos mantidos com a maioria dos egressos são pontuais ou até mesmo inexistentes. Considerando este fato e também a necessidade

de identificar o grau de inserção dos egressos na área obstétrica em resposta às demandas sociais existentes e à política vigente de formação de recursos humanos, estamos realizando um amplo estudo para avaliar indicativos sobre o investimento empreendido no curso de especialização, além de lançar luzes que possam ajudar a traçar novas estratégias para o processo de formação dos enfermeiros obstetras.

O presente relato de pesquisa aborda um recorte desta investigação mais ampla, tendo por objetivos: identificar as características sociodemográficas destes egressos, caracterizar as razões que os levaram a cursar a especialização, comparar seu local/setor de atuação logo após a conclusão do curso e no contexto atual na área obstétrica, bem como caracterizar as atividades desenvolvidas por eles na área obstétrica.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, realizada com 70 enfermeiros egressos do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da UFSC concluídos em 2000, 2001 e 2003 respectivamente.

Os dados foram coletados no período de abril a dezembro de 2006, através de um questionário auto-respondido com perguntas abertas e fechadas, que foi testado com quatro egressos residentes na mesma área metropolitana das pesquisadoras que a isto se dispuseram voluntariamente. Após reformulação, o questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e uma carta de esclarecimento sobre a pesquisa foram enviados pelo correio ou por e-mail para cada egresso.

No processo de organização e análise dos dados, todos os questionários foram revisados, corrigidos, codificados e digitados no programa EPI INFO – versão 2002. Para as variáveis sobre as características sociodemográficas, formação e exercício profissional, razões que levaram os egressos a cursarem especialização, instituição de trabalho e atividades desenvolvidas na área obstétrica, foi realizada uma análise descritiva dos dados (frequência e porcentagem). A diferença entre a atuação dos egressos na obstetrícia logo após a conclusão do curso e aquela desenvolvida no ano de 2006 foi avaliada

através do teste de qui-quadrado ou do teste exato de Fisher quando o qui-quadrado não era aplicável (frequências absolutas inferiores a 5).

O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, mediante o Parecer n.º 009/2006. Todos os aspectos que envolvem a pesquisa estão de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽⁶⁾, sendo que os participantes assinaram o TCLE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 70 egressos elegíveis para a pesquisa, 16 (22,9%) não responderam o questionário, fato que gerou uma amostra de 54 egressos. Em relação às variáveis sociodemográficas, 98,1% eram de sexo feminino, 31,4% tinham idade entre 31 e 35 anos, 46,2% eram casados, 37,0% tinham um filho, a maioria (68,5%) destes era natural de Santa Catarina (SC) e 51,8% referiram trabalhar atualmente na região do litoral do Estado de SC. Vale destacar que apenas um deles trabalha em duas cidades de diferentes regiões (Tabela 1).

No que diz respeito aos dados sociodemográficos, ressalta-se que mais da metade dos egressos é catarinense e após a especialização continuaram residindo e trabalhando no estado de origem e, mais particularmente, na região litorânea, onde a oferta de emprego e as oportunidades profissionais estão mais concentradas. Seguindo a tendência de gênero na enfermagem, a maioria impactante é de mulheres jovens, casadas e com, no máximo, dois filhos. Isso encontra aderência com características de egressos de cursos de especialização similares⁽⁷⁻⁸⁾.

Quanto à formação profissional, 41,5% dos egressos concluíram a graduação entre os anos de 1997 e 2001 e 38,9% concluíram a especialização em 2000. Quanto à atuação na área obstétrica, 40,7% dos egressos iniciaram as atividades antes de cursarem especialização. Importante destacar que 16,7% delas começaram a atuar na área durante o curso de especialização (Tabela 2).

Do total dos egressos, apenas seis não atuaram na área após concluir o curso. Ao serem questionados sobre os motivos para tal fato, nenhum motivo se destacou. Assim,

independentemente do grau de importância por eles atribuído, os motivos mais citados foram a desmotivação (4), não poder realizar partos (3), falta de oportunidade no mercado de trabalho (4), sentir-se despreparado (2), ter melhor oportunidade em outra área (2).

Tabela 1. Características sociodemográficas dos egressos do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da UFSC. Florianópolis, SC, 2006.

Variáveis	(n=54)	
	f	%
Sexo		
Feminino	53	98,1
Masculino	1	1,9
Total	54	100,0
Idade (anos)		
26-30	12	22,2
31-35	17	31,4
36-40	7	13,0
41-45	10	18,5
46-50	6	11,1
>50	1	1,9
Não informou	1	1,9
Total	54	100,0
Estado marital		
Casado	25	46,2
União consensual	13	24,1
Solteiro	8	14,8
Divorciado	4	7,4
Separado	3	5,6
Viúvo	1	1,9
Total	54	100,0
Número de filhos		
1	20	37,0
Nenhum	17	31,5
2 ou mais	17	31,5
Total	54	100,0
Naturalidade		
Santa Catarina	37	68,5
Rio Grande do Sul	8	14,8
Paraná	6	11,1
Outros	3	5,6
Total	54	100,0
Estado onde trabalha atualmente		
Santa Catarina (região)		
Planalto Norte	1	1,9
Nordeste	10	18,5
Vale do Itajaí	2	3,7
Litoral	28	51,6
Oeste	1	1,9
Planalto Serrano	4	7,4
Planalto Serrano e Litoral	1	1,9
Sul	2	3,7
Não informou	1	1,9
São Paulo	2	3,7
Rio Grande do Sul	1	1,9
Brasília	1	1,9
Total	54	100,0

Tabela 2. Distribuição dos egressos segundo a formação e exercício profissional na área obstétrica. Florianópolis, SC, 2006.

Formação e exercício profissional	n=54	
	f	%
Conclusão da graduação*		
1978-1986	6	11,3
1987-1991	9	17,0
1992-1996	16	30,2
1997-2001	22	41,5
Total	53	100,0
Conclusão da especialização		
2000	21	38,9
2001	17	31,5
2003	16	29,6
Total	54	100,0
Início da atuação na área obstétrica		
Antes da especialização	22	40,7
Durante a especialização	9	16,7
Após a especialização		
≤ 06 meses	10	18,5
> 06 meses a 1ano	4	7,4
> 1 ano a 3 anos	3	5,6
Nunca atuou na área	6	11,1
Total	54	100,0

* Um egresso não informou (n = 53)

É importante destacar que 50% dos enfermeiros que buscaram cursar a especialização já trabalhavam na área obstétrica, portanto tinham interesse em permanecer neste tipo de atividade, buscavam maior qualificação, procuravam aprofundamento teórico-prático e habilidades específicas e, certamente, almejavam o título de especialista para obter maior respaldo legal para o exercício profissional, à semelhança de estudos já realizados com egressos de outras capacitações ou especializações profissionais na enfermagem^(7,9).

Ainda mais relevante - parece-nos - é a informação de que uma parte da amostra (16,7%) começou a atuar na área obstétrica no decorrer do curso, mostrando que há uma demanda clara do mercado de trabalho e, além disso, que os enfermeiros não hesitam em mudar de área e local de trabalho se isto de alguma maneira concorrer para a sua absorção como profissionais voltadas à obstetrícia. Na literatura consultada não observamos a explicitação deste tipo de informação como algo que merecesse discussão ou mesmo visibilidade. Por outro lado, os dados relativos à atuação na área obstétrica (Tabela 2) também são indicativos do impacto da titulação na absorção desses enfermeiros pelo mercado de trabalho (ou seja, após a conclusão

do referido curso), já que, após a titulação, 17 destes assumiram postos de trabalho relacionados à área, e na maioria dos casos(10), isto se deu num intervalo de tempo inferior a seis meses. Tais dados estão de acordo com resultados obtidos em avaliações de *follow-up* de egressos de outros cursos de natureza e proposta semelhantes⁽⁸⁾.

Não obstante, apesar desta importante constatação, na época da coleta de dados para o presente estudo, 6 dos 54 egressos dos cursos de especialização em Enfermagem Obstétrica não haviam ainda desempenhado atividades profissionais que tivessem relação com a área. As respostas para justificar tal condição ou decisão desses egressos foram pouco consistentes para possibilitarem uma análise mais sistemática sobre os seus reais motivos, indo de questões de motivação individual para a procura de emprego nesta área até a impossibilidade de encontrar locais que permitissem a realização de partos por enfermeiras.

A necessidade de aprimoramento profissional foi referido pelos egressos como o principal motivo para cursarem a especialização em Enfermagem Obstétrica (94%), seguindo-se o desejo de realizar partos (31,5%) e afinidade com a área (22,2%). Cabe destacar que o aumento salarial e a gratuidade do curso foram motivos pouco apontados (9,3% e 7,4%, respectivamente) (Tabela 3).

Tabela 3. Razões que levaram os egressos a cursarem Especialização em Enfermagem Obstétrica, Florianópolis-SC, 2006.

Razões	(n= 54)	
	f	%
Aprimoramento profissional	51	94,4
Realizar partos	17	31,5
Afinidade pela área	12	22,2
Mudar de área	8	14,8
Aumento salarial	5	9,3
Gratuidade do curso	4	7,4
Possibilidade de melhorar a assistência ao binômio	4	7,4
Atuar com maior segurança	1	1,9

Quanto às razões que levaram os egressos a cursarem especialização nessa área, confirma-se com primazia a expectativa do aprimoramento profissional – uma condição amplamente recomendada nas publicações nacionais e

internacionais, em que se argumenta sempre a necessidade de que a enfermeira obstetra tenha a competência e o perfil exigidos para acompanhar o processo do nascimento, porquanto estas qualidades contribuem para a evolução normal do processo e o reconhecimento e correção dos desvios da normalidade, incluindo-se ainda a capacitação específica para encaminhar casos que necessitem de assistência especializada^(5,10-11). Além dessa justificativa, outras relevantes se concentraram em torno das seguintes razões: “desejo de realizar parto” e “afinidade com a área”. Parece-nos que a permissão para que a enfermeira obstetra conduza partos sem distócia, regulamentada pela Lei do Exercício Profissional⁽¹²⁾ e legitimada por resoluções governamentais⁽¹³⁻¹⁴⁾, constitui uma importante motivação e também uma possibilidade concreta, real, reconhecida e valorizada de atuação profissional. A afinidade com a área provavelmente se encontra ligada com o número bastante significativo de enfermeiros que já atuavam na área obstétrica antes de iniciarem a especialização, conforme já sinalizado anteriormente.

Logo após concluir o curso de especialização, 46,3% dos egressos atuavam em centros obstétricos, 33,3% no alojamento conjunto e 31,5% no pré-natal, sendo que apenas 11,1% não atuaram na área obstétrica. Ao comparar esses dados com a atuação desses profissionais em 2006, observou-se um aumento estatisticamente significativo dos que não estavam atuando na área obstétrica e passaram a fazê-lo (11,1% *versus* 25,9%; $p=0.047$) e uma redução estatisticamente significativa da atuação no alojamento conjunto (33,3% *versus* 14,9%; $p=0.024$) e pré-natal (31,5% *versus* 14,9; $p=0,040$). Ressalta-se que não houve diferença estatisticamente significativa com relação à atuação no centro obstétrico (46,3% *versus* 38,9%; $p=0.436$) (Tabela 4).

Merece destaque a redução na atuação dos egressos na área obstétrica ao comparar-se o tempo transcorrido entre a conclusão do curso (2000, 2001 e 2003) e a coleta dos dados da presente pesquisa (2006). Esse resultado é semelhante aos de outros estudos sobre o tema, nos quais também ocorreu a evasão dos egressos da área obstétrica, passados alguns anos da formação na especialidade^(8,15). Contudo, cabe destacar que a porcentagem da não-atuação na

área obstétrica (25,9%) foi menor do que a encontrada nos estudos anteriormente citados (50%).

Tabela 4. Setor/área de atuação profissional na obstetria logo após conclusão do curso de especialização (2000, 2001 e 2003) e em 2006, Florianópolis, SC, 2006.

Setor/área de atuação	Anos de 2000, 2001 e 2003 (n=54)		Ano de 2006 (n=54)		p valor
	f	%	f	%	
Centro obstétrico	25	46,3	21	38,9	0.436
Alojamento conjunto	18	33,3	8	14,9	0.024
Pré-natal	17	31,5	8	14,9	0.040
Programa de saúde da família	14	25,9	9	16,7	0.239
Interação gestação alto risco	2	3,7	1	1,9	1.000*
Triagem obstétrica	2	3,7	1	1,9	1.000*
Banco de leite/CIAM	1	1,9	4	7,5	0.363*
Outro	4	7,4	3	5,6	1.000*
Nenhuma atuação em obstetria	6	11,1	14	25,9	0.047

Teste Qui-Quadrado, * Teste Exato de Fisher.

A redução na atuação dos egressos no alojamento conjunto e no pré-natal, embora não investigados os motivos, pode ser decorrente da diminuição de duplicidade de vínculos empregatícios ou mesmo da afinidade com o setor/área, uma vez que o número de egressos que deixaram de atuar no alojamento conjunto e no pré-natal (19) é o dobro do total de evasão da área obstétrica (8). Com relação ao pré-natal, o índice de atuação dos egressos não difere dos verificados em pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo⁽⁸⁾.

Chama igualmente a atenção o fato de não ter ocorrido uma redução estatisticamente relevante na atuação dos egressos no centro obstétrico, o que pode significar uma aderência às atividades assistenciais relativas ao trabalho de parto e parto. Este resultado pode ser decorrente do contexto político e assistencial do MS brasileiro, que regulamenta a realização do parto sem distócia pelo enfermeiro e aprova o laudo de enfermagem para emitir autorização de internação hospitalar^(1-2,14). Entretanto, a porcentagem de atuação nessa área (38,9%) é menor do que a encontrada em pesquisa semelhante, na qual 43,2% dos egressos atuavam no centro obstétrico⁽¹⁵⁾.

Quanto à instituição de trabalho e atividades desenvolvidas pelos egressos na área obstétrica

em 2006, 42,6% estavam atuando em hospital público, 20,4% em ULS e 18,5% estavam desenvolvendo atividades docentes em escola privada – magistério superior. A maioria destes (59,3%) estavam envolvidos com a assistência à puérpera, 44,4% participavam de grupo de casais grávidos, 40,74% prestavam assistência ao recém-nascido, 38,9% realizavam assistência no pré-parto, sendo que apenas 27,8% referiram atuar na assistência ao parto (Tabela 5).

Tabela 5. Instituições de trabalho e atividades desenvolvidas pelos egressos na área obstétrica em 2006, Florianópolis, SC, 2006.

Variáveis	Ano 2006 (n=54)	
	f	%
Instituição		
Hospital público	23	42,6
Hospital privado	2	3,7
Unidade local de saúde	11	20,4
Escola pública – ensino médio	1	1,9
Escola privada – ensino médio	3	5,6
Escola privada – ensino superior	10	18,5
Outra	2	3,7
Nenhuma	14	25,9
Atividade desenvolvida		
Assistência no pré-parto	21	38,9
Realiza partos	15	27,8
Assistência à puérpera	32	59,3
Realiza pré-natal	14	25,9
Grupo de gestantes/casais grávidos	24	44,4
Assistência ao recém-nascido	22	40,7
Pesquisa	9	16,7
Gerência ou administração	10	18,5
Docência	13	24,1
Outra	7	13,0
Nenhuma	14	25,9

No que se refere à instituição de trabalho dos egressos em 2006, destaca-se a predominância desses enfermeiros atuando em hospital público (42,6%) e, em menor porcentagem, em ULSs (20,4%), o que pode ser explicado, pelo menos em parte, pelos critérios estabelecidos como condição prévia pelo Ministério da Saúde para ingresso nos cursos de especialização em enfermagem obstétrica, ou seja, 80% de vagas para enfermeiros da rede ambulatorial e hospitalar do SUS⁽¹⁶⁾.

Com relação às atividades desenvolvidas pelos egressos em 2006, destaca-se que 15 delas referem realizar partos, o que significa 71,4% das que atuam no centro obstétrico, sendo esses

achados superiores aos encontrados na literatura^(8,15).

Constata-se também que 32 enfermeiras especialistas - portanto, 59,3% do total da amostra - atuam na assistência à puérpera, o que foi também observado em outros estudos⁽¹⁷⁾. Acredita-se que isto ocorra pelo fato de prestar-se o cuidado neste período do ciclo gravídico-puerperal tanto nas maternidades e no puerpério imediato, quanto nas ULSs, no puerpério tardio.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados encontrados, conclui-se que o perfil sociodemográfico desses enfermeiros mantém-se alinhado às características predominantes, já divulgadas em resultados de estudos precedentes relativos à mesma especialidade, realizados em outros contextos brasileiros.

Os resultados mostram também que a maioria dos enfermeiros buscou cursar a especialização por valorizar o aprimoramento de suas habilidades profissionais. No entanto, essa formação não assegurou sua permanência na obstetria, uma vez que houve uma redução do número de egressos atuando nessa área alguns anos após terem concluído o curso. Faz-se necessário aprofundar esse aspecto em outros estudos para sua melhor compreensão e identificação das razões intrínsecas a esse fato.

Apesar dos obstáculos que os enfermeiros enfrentam para assegurar espaços no cenário obstétrico, a não-redução da atuação destes egressos em centro obstétrico mostra que os esforços empreendidos pelo MS e pelas instituições formadoras estão contribuindo para uma mudança desta situação, ainda que de modo incipiente.

Reafirma-se, outrossim, que a maior parte dos egressos do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica da UFSC vem desenvolvendo suas atividades no âmbito do SUS, em diferentes cenários e envolvendo as diferentes fases do ciclo gravídico-puerperal, com ênfase na assistência hospitalar da rede pública.

Considera-se que as reflexões e discussões efetuadas servem como contribuições ao debate e configuram-se como primordiais para repensarmos os cursos de especialização em

enfermagem obstétrica bem como o papel que os especialistas desempenham no cuidado às mulheres e recém-nascidos, influenciando e

sendo influenciadas pelas transformações nas políticas públicas no setor saúde.

SPECIALIZATION IN OBSTETRICS NURSING FROM UFSC – 1999/2003: PROFILE AND PERFORMANCE OF ITS ALUMNAE

ABSTRACT

This descriptive-exploratory research looks to identify the characteristics of the alumnae of the specialization course in Obstetrics Nursing at the Federal University of Santa Catarina, their motives for enrolling, their places of work, and the activities they have developed in obstetrics. The study utilizing a self-responsive questionnaire to collect the data, gathered in 2006. Applying descriptive analysis, the differences in performance in obstetrics were calculating, using the chi-squared test or Fisher's exact test of independence. The results show that of the 54 students, 40.7% had worked in obstetrics prior to enrolling, and 94.4% listed their professional development as the principle motive for their enrollment. Comparing with the performance in the year they concluded the course with 2006, there was a statistically significant increase among the students who had not worked with obstetrics (11,1% *versus* 25,9%; $p=0.047$), while there was no difference in relation to the obstetrics center (46,3% *versus* 38,9%; $p=0.436$). We conclude that the specialization in obstetrics do not guarantee the permanence of these students in the field of obstetrics; which calls for the need to investigate more completely this characteristic, in the search for greater comprehension for its justification.

Key words: Obstetrical nursing. Specialism. Professional practice. Health policy.

LA ESPECIALIZACIÓN EN ENFERMERÍA OBSTÉTRICA DE LA UFSC – 1999/2003: PERFIL Y ACTUACIÓN DE LAS EGRESADAS

RESUMEN

El presente trabajo se trata de una investigación exploratoria-descriptiva que tuvo como objetivos identificar las características sociodemográficas de las egresadas de los cursos de especialización en Enfermería Obstétrica de la Universidad Federal de Santa Catarina, las razones para hacer la especialización, el lugar de trabajo, y, las actividades desarrolladas en la obstetricia. Los datos fueron recolectados en 2006, empleando para ello un cuestionario de auto-respuesta. Posteriormente, se hizo un análisis descriptivo y se calculó la diferencia en relación a la actuación en el área obstétrica, a través del test Qui-cuadrado o Exacto de Fisher. De las 54 egresadas, 40,7 por ciento, trabajaban en la obstetricia antes de hacer la especialización, y, 94,4 por ciento, citaron la capacitación profesional como siendo el motivo principal para especializarse. Al comparar la actuación en el año de conclusión del curso con el de 2006, hubo un aumento estadísticamente significativo de las egresadas que no actúan en la obstetricia (11,1% *versus* 25,9%; $p= 0.047$), sin diferencia en relación al centro obstétrico (46,3% *versus* 38,9%; $p=0.436$). La especialización no asegura la permanencia de las egresadas en la obstetricia; de ahí que se hace necesario profundizar sobre ese aspecto para comprenderlo mejor.

Palabras clave: Enfermería obstétrica. Especialización. Práctica profesional. Política de salud.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica da Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília (DF); 2003.
2. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Relatório de Gestão 2003-2006. Versão preliminar. Brasília (DF); 2006.
3. Schirmer J. Assistência ao parto: novas medidas adotadas pelo Ministério da Saúde. Acta Paul Enferm. 2000; 13 (nº esp. Pt 1): 214-21.
4. Riesco MLG, Tsunehiro MA. Formação profissional de obstetizas e enfermeiras obstétricas: velhos problemas ou novas possibilidades? Rev Estud Fem. 2002; 10(2):449-59.
5. Sacramento MTP, Tyrrel MAR. Vivências das enfermeiras nos cursos de especialização em enfermagem obstétrica. Rev Enferm UERJ. 2006; 14(3):425-33.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. [cited 2008 ago. 11]. Brasília (DF); 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>.
7. Andrade V, Padilha KG, Kimura M. Seguimento dos enfermeiros egressos dos cursos de especialização em enfermagem em cuidados intensivos. Rev Lat Am Enfermagem. 1998; 6(3):23-31.

8. Merighi MAB, Yoshizato E. Seguimento das enfermeiras obstétricas egressas dos cursos de habilitação e especialização em enfermagem obstétrica da escola de enfermagem obstétrica da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2002; 10(4):493-501.
9. Bassinelo GAH, Silva EM. Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante em enfermagem. *R Enferm UERJ*. 2005; 13(1):76-82.
10. Amaral MC. Acompanhando o trabalho de parto: visão da enfermeira obstetra. [cited 2007 ago. 31]. Disponível em: <http://www.amigasdoparto.com.br/ac001.html>.
11. International Confederation of Midwives (ICM). Competencies. [cited 2007 Oct. 11]. Available from: <http://www.internationalmidwives.org>.
12. Brasil. Lei n. 7498 de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício de enfermagem e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 1986 jun 26; Seção 1.
13. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.815 de 29 de maio de 1998. Inclui na Tabela do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde o parto normal sem distócia realizado por enfermeiro obstetra. *Diário Oficial da União*. 1998 jun. 2; Seção 1, p. 47-8.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Portaria n. 163 de 22 de setembro de 1998. Regulamenta a realização do parto normal sem distócia realizado por enfermeiro obstetra. *Diário Oficial da União*. 1998 set. 24; Seção 1, p. 24.
15. Rocha MMS, Ferreira SL. Atuação das (os) egressas (os) dos cursos de especialização em enfermagem obstétrica realizados pela UFBA, no sistema de saúde de Salvador-BA. In: *Anais/Resumos da 58ª Reunião Anual da SBPC*. 2006; Florianópolis. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; 2006. [cited 2007 set. 5]. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_2846.html
16. Ministério da Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Projeto do Curso de Especialização. Brasília (DF); 1999.
17. Gardenal CLC, Parreira I, Almeida JM, Pereira VM. Perfil das enfermeiras que atuam na assistência à gestante, parturiente e puérpera, em instituições de Sorocaba/SP (1999). *Rev Lat Am Enfermagem*. 2002; 10(4):478-84.

Endereço para correspondência: Evanguelia Kotzias Atherino dos Santos. Rua Presidente Colinho, 264 Centro, Florianópolis – SC CEP: 88015-230. E-mail: gregos@matrix.com.br

Recebido em: 24/01/2008

Aprovado em: 19/06/2008